

Economia

Começa o desaquecimento da economia

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

Depois da inflação zero, do congelamento de preços, de eliminação do déficit público, de privatização de economia, do pleno emprego e da distribuição de renda, cristaliza-se o fim de mais um sonho do governo da Nova República: crescimento acelerado da economia. Acumulam-se indicadores de que o País está entrando num processo recessivo de proporções imprevisíveis, apesar de mais uma manifestação de desejo do ministro da Fazenda, Dílson Funaro, de que haverá um crescimento de 5% e 7% em 1987, con-

tra a estimativa dos seus próprios especialistas em econometria, que prevêem uma taxa entre 2% e 3%.

As incertezas provocadas pela instabilidade econômica estão desestimulando investimentos tanto quanto as elevadas taxas de juros e as indefinições políticas sobre o capítulo da nova Constituição que regerá a "ordem econômica". Essas indefinições e a moratória afastam ainda mais também os investimentos externos. Há até um plano de investimentos estatais para suprir a redução de participação privada — com os Cz\$ 120 bilhões do Fundo Nacional de Desenvolvimento —, que vem sendo usado como ameaça ao em-

presariado: "Invistam, ou o Estado ocupará esses espaços disponíveis".

Praticamente todos os índices apontam uma redução na atividade econômica. Só em São Paulo, as vendas no varejo caíram 42,2% em janeiro passado. As lojas de departamento tiveram movimento reduzido em 51,3% e as de utilidades domésticas em 42,1%.

Os empréstimos do sistema financeiro caíram em 9% no mês de janeiro em relação a dezembro. As operações de leasing caíram 30% e a venda de automóveis, em até 50% em alguns modelos. A taxa de emprego na indústria de transformação também caiu. O

crescimento do valor nominal dos títulos protestados na praça de São Paulo cresceu em fevereiro deste ano 481,4% em relação ao mesmo mês do ano passado, dobrando em relação a janeiro.

A crise cambial, dificultando importações, ameaça de paralisação uma série de setores fundamentais para a economia e cerca de US\$ 1 bilhão (Cz\$ 20 bilhões) deixarão de irrigar a economia devido à voracidade do Imposto de Renda, no período de março a agosto, aumentando a perspectiva de recessão.

Mais de 40% das microempresas existentes em janeiro de 1985 quebraram com o Cruzado II.